

## ELOGIO HISTÓRICO DO PROF. GUILHERME BASTOS MILWARD. (4)

por

**DR. ARNALDO AMADO FERREIRA**

Livre-Docente, Chefe de Laboratório do Departamento de Medicina Legal  
— Inst. Oscar Freire — da Fac. de Med. da Universidade de S. Paulo.

Hoje, ao assomar a esta tribuna, para falar-vos de Guilherme Milward, afigura-se-me tão alta a incumbência que recebi, que me sinto presa de profunda emoção. E, pois, comovido e saudoso é que pretendo alongar o meu olhar pelo tempo que se foi e rememorar a vida dêsse vulto marcante de nossa medicina, a figura dêsse irreprochável cientista brasileiro. Êle é como o clarão de certas estrelas que, embora mortas, ainda continuam alumiar fulgurantemente.

Aquele que me é patrono nesta Casa, cuja vida e obra a palidez e a modéstia de minhas palavras jamais vos apontarão com perfeita nitidez, fôra um “autoctone, como os que, na Grécia, eram chamados eupátridas e usavam nos cabelos a cigarra de ouro”, pois vivera para a sua terra, amara-a com encendrado enlêvo e dela, “como Anteu, tirara a força prodigiosa” que o fizera tão respeitado e admirado dos seus.

Entanto, meus senhores, quem o visse na rua ou no laboratório, sempre de preto, ligeiramente claudicante de uma perna, o passo tardo, sobraçando livros e jornais, o cigarro de palha à boca, o pé direito calçado de chinela e o outro de sapato, “passaria por êle indiferente, sem suspeitar que aquele burguês mal enjorcado”, fosse quem o era, o eminente professor de Química da Faculdade de Medicina de S. Paulo, uma de suas maiores cerebrações e que tanto a engrandecera com o seu saber

Há homens, como o professor Milward, que têm o privilégio da fascinação. São como os “espelhos ustórios do geometra siracusano”, porque concentram no meio em que atuam, como fóco poderosíssimo, todo um calor intelectual, todo um engenho profundo e harmônico e de que se sabem servir para atrair e alumiar aos que dêles se acercam.

---

(\*) Conferencia realizada na Sociedade Paulista da História da Medicina.

Guilherme Milward fôra médico e engenheiro de minas, possuidor de notavel cultura, cimentada de sólidos conhecimentos filosóficos.

Era natural de São João D'El-Rey, Estado de Minas, onde nascera aos 26 de Setembro de 1878 e filho de médico de nomeada daquela cidade, Dr. Cornélio Milward.

Cêdo demonstrara êle pendor pelas ciências positivas e, aí, a razão de haver estudado engenharia, curso que interrompera no quarto ano, para ingressar na Faculdade de Medicina do Rio, onde se diplomara em 1908, após brilhante defeza de tése sôbre — Conceito Diagnóstico da Atitude.

Mais tarde, já professor de medicina em S. Paulo, é que terminara o seu curso de engenharia de minas.

Exercera, no início de sua carreira, a clínica em Formiga e, depois, em Santos, onde fizera parte do corpo clínico da Santa Casa.

\* \* \*

Em 1913, S. Paulo, finalmente, tivera a sua Faculdade de Medicina, aspiração velha, já acalentada no governo de Américo Brasiliense e realização concreta no do Conselheiro Rodrigues Alves.

Colocara o governo de S. Paulo à frente da nova escola que vinha de crear, a figura sábia, dinâmica, férrea e construidora de Arnaldo Vieira de Carvalho, que efetivara a sua organização. Conhecedor de homens e de valores, soubera, aquele eminente e saudoso diretor, seleccionar os bons elementos de que carecia para levar a bom término a ingente tarefa que a si se propuzera. Pedira, então, ao prof. Leônidas Botelho Damázio que lhe apontasse um nome capaz de dirigir e orientar o ensino da Química na Faculdade de Medicina de S. Paulo. A Milward indicara o notavel professor, como pessoa de pról, em quem Vieira de Carvalho podia confiar tarefa de tamanha relevância.

Modesto, tímido, inimigo de exhibições, aquí aportara em setembro de 1913 e, logo, deu início a seu curso de Química, só interrompido em 1932, quando de sua morte no Rio de Janeiro, em novembro. Durante 19 anos ininterruptos lecionou a sua cadeira e com saber invulgar.

Na Faculdade de Medicina fôra, sem dúvida, o pioneiro do estudo positivo da Química Inorgânica, Orgânica e Biológica, naquele tempo iniciante, deficiente entre nós. "Sob o influxo, de sua peregrina cultura, de sua grande dedicação, é que a fase sadia e produtiva do laboratório abriu horizontes novos no campo da Química em S. Paulo. É inteiramente seu o fundamento da escola bio-química que proporcionou o nosso apreciavel surto em fisiologia".

\* \* \*

Guilherme Milward fôra um professor de fato. Ensinava com método, raciocinava e falava com a máxima clareza, escoreitamente

e esponha com facilidade, precisão, com agudeza de observação e honradez.

Conhecia a psiquê dos alunos e sabia como fazê-los interessar-se pela matéria que prelecionava.

Entanto, nunca fôra professor que enlevasse o auditório pela eloquência do dizer, com frases bonitas e adrede preparadas. Era espontâneo. O aluno, nas primeiras aulas, não se encontrando familiarizado com a matéria, achava-o um tanto enfadonho. Mas, aos poucos, quando iniciava o estudo da parte filosófica da Química, é que ficava admirado com a mêsse de seus conhecimentos, tão vastos que eram. Positivista, seguia o método comteano na exposição de sua matéria. Antes da doutrina, da teoria, a parte objetiva. Primeiro o vêr, o observar, o experimentar, para depois relacionar, ligar os conhecimentos objetivos aos subjetivos e apontar as suas relações de interdependência. A inteligência, afirmava, na sua evolução, induz para deduzir e depois construir. “Deve-se sempre partir da contemplação de imagens concretas para apreender o que há de comum nos diversos casos e obterem-se os elementos necessários à formação dos tipos ideais”.

O seu ensino era doseado, tateando a capacidade aquisitiva dos alunos. Ministrava, de preferência, aos moços estudantes, o saber clássico, aquilo que a sua ciência houvera estabelecido de positivo, certo, básico, fundamental.

Parecia-lhe que os conhecimentos não sedimentados, não deveriam aproveitar-se sem o preparo prévio do aluno.

Seriam usados como citações, por isso que poderiam anarquizar o espírito do estudante e levá-lo a verdadeiro caos. Preparado o terreno em bases sólidas, de posse de conhecimento exato, o estudante estaria apto à encaminhar-se no domínio da controvérsia, sem o perigo de se perder no amaranhado de doutrinas contraditórias. As suas preleções, cuidadosamente preparadas, além do cunho filosófico que lhes emprestava, eram fartas de citações nacionais, cujo valor porfiava em encarecer. Nas aulas práticas, ensinava ao aluno como observar, interpretar os fenômenos químicos, ministrando-lhe o conselho mais oportuno e acertado. Procurava conviver com o estudante, dando-lhe inteira liberdade de opinião sobre as questões em estudo. Não era professor que se limitasse a repetir programas, mas um animador de vocações, de inteligências, que despertava para torná-las eficientes e produtivas. O magistério superior não lhe fôra burocracia de título incompatível com o merecimento de quem o exercesse, mas realidade, concretização.

Procurava incutir nos seus discípulos os tezouros do seu saber, as qualidades nobres do seu espírito, a riqueza de conselhos hauridos num “saber só de experiências feito”.

\* \* \*

A par do professor se colocava o cientista completo, excessivamente modesto, probo, profundamente culto. O professor Milward

deixou trabalhos de valor como o processo de preparação do cloreto de manganês, o da extração e doseagem do iodo orgânico, um para a preparação da anilina azul, além de trabalhos originais sobre a geologia de S. Paulo, Minas Mato-Grosso e Goiaz.

Goiaz, no dizer do saudoso prof. Dr. Moraes Rego, dentre as unidades da Federação, é a que tem a sua constituição geológica menos conhecida. Coube ao prof. Milward estudá-la e esclarecê-la em grande parte.

Ademais, não se esquecera, em os seus estudos, de apontar os minerais úteis daquela riquíssima região brasileira, os veios diamantíferos que descobrira, as inúmeras fontes de águas minerais que estudara com carinho e os terrenos petrolíferos que topara.

Inteligência proteiforme, químico notável, abominava as especializações intensivas e atrofiadoras, quasi sempre, dos entendimentos. Aceitava-as, não há duvida, como metodização indispensável do trabalho intelectual, porém, que se devera coordenar por conhecimento geral, filosófico.

Não fôra só químico, geólogo, mineralogista, também zoólogo, botânico de vastos conhecimentos, humanista de raça e provector conhecido de línguas mortas e de suas literaturas.

Dêle poderíamos falar o que Coelho Neto dissera, certa vez, de Sílvio Romero: “Lia o latim dos velhos textos com facilidade natural com que Cicero o pronunciava na tribuna do Forum. Meditava Kant e Fichte nas próprias palavras saídas do pensamento dos mestres. Shakespeare dizia-lhe as grandes batalhas da alma na língua em que as descrevera. Os italianos, desde os maiores do Renascimento, até os contemporâneos, eram seus íntimos; o francês de Montaigne e de Amyot, como o de Anatole France, soava-lhe como lição materna; no hespanhol, desde o dos cancioneros, andava como seu vernáculo, e assim era em tudo”.

Conhecia profundamente a língua portuguesa e que manejava com maestria invulgar. Os Lusíadas, a Bíblia do nosso idioma, tinha-no, quasi inteiro, de memória.

“A árvore da ciência não tinha ramos que êle não conhecesse, flôres cujo aroma não houvesse gosado, frutos de saber estranho ao seu paladar exigente.

Com tais posses onde quer que passasse aí deixava vestígios luminosos”. Escreveu pouco e quasi nada publicara. Tinha horror às exhibições, às publicações que não houvessem cunho e nem finalidade filosófica coordenadora. Era de pensar que um professor, um cientista, só deveria escrever e publicar alguma coisa, ao depois de muito haver observado e meditado.

Nos últimos tempos de sua vida afanosa começou elaborar uma série de trabalhos sobre a maneira de se ensinar a Química Inorgânica, Orgânica e Biológica e que a sua morte prematura impediu que terminasse.

Snrs., já vos cansa o meu falar sobre mestre tão querido. Mas, ainda, quero dizer-vos que Guilherme Milward fôra patriota e cidadão incorruptível. O seu grande amor, o seu maior ideal, era a Pátria que estremecia, cujas incomparáveis belezas, cujas riquezas imensas, cujo futuro estupendo tinha sempre diante dos olhos. “Amava religiosamente a terra, o céu, as águas, as estrelas, as flôres, os animais, todos os seres, todas as coisas do eu querido e formoso Brasil”. Só compreendia um Brasil forte, respeitado, unido.

Conhecedor profundo da História Pátria, de seus grandes vultos do passado e de agora, de suas incalculáveis possibilidades, de sua evolução política, era nacionalista ferrenho. Não, porém, desses que dispensam a colaboração estranha, quando sincera e amiga.

Federalista extremado, queria vêr sempre a Nação unida, forte, como um só todo, num bloco granítico e inamovível. A unidade da Pátria não fôra creada por necessidade política, num momento de defesa coletiva; existiu desde o início da colonização, de sua própria existência. Fomos sempre centralizados, vimos do centro da periferia. A nossa unidade se acha sedimentada pelo belo idioma comum, pelos costumes, pela religião de nossos antepassados. Este espírito de unidade existe em o nosso sangue, nasce conosco, porque o herdamos da “Cellula Mater” de nossa origem, que nas terras da América soube mantê-lo íntegro. Aquí, em o nosso solo, sob a proteção do cruzeiro resplandecente, os componentes de nossa população vivem em constante caldeamento, num ambiente de paz e de prosperidade, sem ódios raciais e de religião. A terra ferraz, ubérrima, como é, tem o condão de tudo assimilar, amalgamar, fundir numa raça que já é forte, empreendedora, inventiva, altaneira, capaz, em cujas realizações futuras não há duvidar. Nas aulas teóricas, nas práticas, em conversa com amigos, discípulos, não se cansava de focalizar as nossas cousas, os nossos problemas, a tradição do nosso povo, os seus grandes homens passados e presentes e o que houveram feito de util. Tendo percorrido grande extensão do território nacional, visitado as suas várias populações, muito observado e estudado, conhecia a terra de seu nascimento como poucos. Era amante apaixonado do nosso passado. Fazia empenho que os moços estudantes também o conhecessem bem, pois, “um povo sem tradição é arvore sem raizes, que qualquer vento derruba. Veneremos o passado e, assim como acendemos círios à beira dos túmulos, façamos luz no tempo para que venham, pela claridade do estudo, as pálidas figuras dos dias, que são os manes da raça, os precursores do gênio do povo e seus verdadeiros indígetes.

Não há história sem tradição: ela é o princípio e no princípio é que está Deus: a origem”.

Eis aí, meus Senhores, em singelas pinceladas, um pouco da obra e da vida deste grande patriota, cientista e professor que fôra Guilherme Milward, cuja memória eu acabo de evocar-vos.

# EXCESSO DE TRABALHO

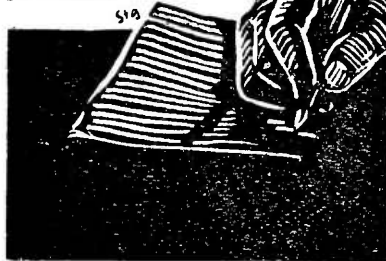
... exige alimento  
e estímulo à célula nervosa

## Nergofon

hexapentanolcarboxil-hipofosfito de cálcio

encerrando 35 mg. de fósforo elementar por ampola de 2 cmc., em combinação organocálcica, exerce essa dupla ação de maneira rápida e duradoura.

AMOSTRAS  
à disposição dos  
Srs. Médicos



INSTITUTO MEDICAMENTA  
ESTABELECIMENTO CIENTÍFICO - INDUSTRIAL  
FONTOURA & SERPE • SÃO PAULO — BRASIL

## EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL LTDA.

Autorizada e Fiscalizada pelo Governo Federal — Carta Patente N.º 92

SÉDE CENTRAL: Rua Libero Badaró Ns. 103 e 107

Telegrammas: "Constructora"

Telephone: 2-4550

(Rêde particular de ligações internas)

●  
CAIXA POSTAL, 2999  
SÃO PAULO



Na vida só  
vencem os  
fortes!

**HORMOCÁLCIO**  
"GRANADO"

*potentíssimo recalcificante,  
revigora os fracos.*

TARQUINO

## ENDOSCOPIOS

PARA TODOS  
OS CASOS DE  
DIAGNOSTICA  
E CIRURGIA




CISTOSCOPIO UNIVERSAL  
"MIRA - MORAES BARROS"  
PATENTE 26000 - 4

**Oscepio Mira LTD.**

RUA CESARIO MOTTA 335 TEL. 4-1811 CAIXA POSTAL 2425

SAO PAULO

*P. Ehrlich*

Insuperáveis  
em ação  
e tolerância

## Neosalvarsan

o preparado original de Paulo Ehrlich recomendado pela Comissão de Higiene da Liga das Nações como preparado Standard para as verificações biológicas de todos os produtos arsenobenzoes.

## Solu-Salvarsan

para aplicação intramuscular, em soluções estáveis, prontas para o uso. De máximo poder curativo e de excelente tolerância. Comprovados oficialmente e clinicamente.



A Chimica »Bayer«

»Bayer«